



CULTURA & POLÍTICA @ CIBERESPACIO

**1er Congreso ONLINE del Observatorio para la
CiberSociedad**

**Comunicaciones – Grupo 21
Psicología de/en Internet: un desafío a
nuestros saberes**

Coordinación: Roberto Balaguer Prestes y Heidi J. Figueroa
(rbalaguer@pro-red.com)

<http://cibersociedad.rediris.es/congreso>

A sessão obsoleta

Marcela Antelo

Se há algo que pega de surpresa ao dispositivo analítico é a possibilidade que a popularização dos recursos tecnológicos oferece, de criar encontros virtuais que prescindam dos corpos reais. Para o ano 2006 o Senado francês calcula que 80 por cento dos usuários de computador contarão com realidade virtual acessível nas suas telas.

A sofisticação de novos modos de presença que anima equipes de cientistas e aterroriza ludditas, seduz à oferta terapêutica. Praticamente os cinco sentidos habitam a paleta do cientista das presenças virtuais. Ameaçados pela remoção generalizada das substâncias, café sem cafeína, cigarros sem nicotina, sexo sem contato carnal, analistas sem divã, estamos forçados a dizer qué entendemos por presença real do analista e por que é necessário o corpo se sua condição é não usa-lo.

I seek you/ Te busco/ Cadê você?

Longe de saciar a sede de encontros carnis a virtualização dos laços sociais atíça a demanda da presença do Outro ao mais alto grau. Este encontro é nossa prova.

O psicanalista francês Jacques-Alain Miller falou da banalização da presença para o jornal Liberation que o consultava sobre o lugar do divã no século. O banal é o que é para todos, "a common place", e foi interessante encontrar que na sua origem, antes de ser um adjetivo francês, banalizar significava simplesmente falar, proclamar. Banalizada a presença virtual proclama Miller, a presença real será preciosa.

Poder obter a voz, a imagen do outro, poder manosea-la em três dimensões e lhe aplicar qualquer lupa e a qualquer distância, poder até monitorar-lhe sua presão

arterial, é o regocijo tecnológico da época. Até o cinema revolucionar-se docemente, diz Raymond Bellour, quando a presença dos sons que faziam obstáculo ao cinema moderno hoje se consagra. Escutamos fósforos acender-se, suspiros exalar-se, batidas cardíacas, furacões irados, efeitos especiais da presença do outro.

A terca vaidade da demanda se concentra na presença, no dom da presença, o mais além de toda demanda. Os "geradores de presença" são especialistas que se dedicam a criar "imágenes de síntese" do outro para causar "efeitos de contato". O efeito de contato tátil por exemplo, última vedette, se realiza por meio das energias pneumática, elétrica e mecânica. Os odores e as temperaturas aguardam sua oportunidade na prateleira. [Aliás, posso acrescentar hoje que os itens dessa prateleira já estão à venda.]

Nos aprendimos da mãe freudiana que sua ausência faz fundo para todas as presenças que o sujeito possa encontrar no seu caminho. A função do pai marca uma ausência diapasão que abre e fecha o devir do sujeito, pulsa.

Parece que o tempo da inexistência do Outro condena o sujeito a perseguir seus signos com a maleta tecnológica. Os objetos da presença do Outro, sua voz, sua mirada, sua escritura, sua ira, seu ódio, seu corpo, seu gozo, são procurados sem cessar em motores de buscas ao serviço do usuário. O sinistro Echelon objetado recentemente pelo governo francês se oferece à obscenidade em jogo à hora de produzir a presença do outro com o fim de aniquilá-lo melhor. Até timbres de voz reconhece este programa de espionagem conveniado entre Estados Unidos e Inglaterra na pós-guerra [intercepta 1.000 milhões de mensagens transmitidas via satélite em meia hora, detecta palavras perigosas e se mantém, por enquanto, entretido com espionagem industrial] .

Lacan diz que a presença é uma expêriencia, é a experiência de um sentimento. Como conceito não somente é ambíguo senão também complexo. No volume sobre "A transferência" do Encontro do Campo Freudiano em Caracas, 8 anos atrás, pode-se lêr a pergunta: "Estará mal escolhido o termo presença?" , tamanho o incômodo que causa; Sartre livrou-se dela proclamando a auto-análise, a simples presença de si mesmo.

Um argumento para orientar-se em Lacan é que a presença do analista, não passa pela sua decisão de estar ali, pois trata-se de uma presença súbita, viragem brusca, substância ligeira. É manifestação, irrupção, e não o hábito de encaixar sua ossada na poltrona.

A presença não representa ao analista senão para o analista, assim como a hostia o faz para Cristo e não a Cristo. Já no seu livro I Lacan apontava a dificuldade de viver, se o sentimento da presença fosse constante: "É um sentimento que tendemos incesantemente a apagar da vida [...] É um mistério que mantemos a distância e ao qual, por assim dizer-lo, nos hemos acostumado"¹. Estar ali com o corpo não é estar ali.

Mais adiante e como modo de "restituir às coisas contemporâneas sua base paradoxal" alojará a presença no registro do real. Quando o desejo habita, se instala, poderíamos dizer, no lugar da presença real, o povoa de fantasmas. Não há mais intervalo nem virada brusca quando a presença real cai nas mãos do desejo. O desejo nos defende da presença real, lição das primeiras históricas freudianas.

O amor, por outro lado, nos conduz a desejar a presença de um número restringido de pessoas², o ódio a detestá-la. A presença se faz mola do mais-de-gozar. Ela se dota de instrumentos, por exemplo: temos estado rindo do chicote que Lacan introduz no seu recentemente estabelecido seminário V; podemos assim mesmo recordar, a estreita relação que Freud tecia entre o telefone e o aumento dos apetites modernos.

A patente do telefone e a psicanálise apareceram na mesma década. O telefone portátil, como seu nome o indica, celular, tem se convertido em órgão do corpo, secreta a presença da voz da mãe dos dias de hoje, quando não do olhar panóptico do outro doméstico, não somente da burguesa como gostava Lacan de chama-la, senão também do proletário. Aquele que possui um aparelho pode decidir se quer ou não a presença, apenas contando com o número que supõe tal sujeito da enunciação.

O uso do primeiro plano como recurso cinematográfico também se impõe contemporaneamente ao close-up das presenças que a psicanálise oferece. Como estranha experiência da intimidade entre estranhos, a casa dos segredos que Freud inventa e que nos assemelha definitivamente com qualquer Inspetor Dupin, levou-se ao cinema incansáveis vezes. Apesar de até a mafia ir para o divã trata-se do cenário de um encontro impossível de digitalizar, como qualquer quartinho obsoleto de ventilador barulhento, fumaça de cigarro e lapis de grafitti, lugar de certa pestilência de onde sai o analista, fogo fátuo dizia Lacan pois não ilumina nada.

A sessão é obsoleta, isto é: inadequada às circunstâncias atuais, reza o dicionário, e é em tanto tal que devemos fazer valer seu agalma.

A tese que Lacan sustenta é que há algo ininterpretável numa análise e que este algo é a presença do analista. Miller o resumiu na sua primeira aula deste ano dizendo que o analista encarna algo do gozo, a parte não simbolizada do gozo, a parte impossível de digitalizar.

Sem dúvida alguma pode-se olhar dentro da alma de qualquer um folheando seu diário, até podem encontrar-se "gemas de suprema utilidade" segundo Freud, porém nada de provocar efeitos a não ser arriscando a própria pele. Não há leitura do saber inconsciente sem presença, sem pôr o corpo, disse Miller ao iniciar seu curso deste ano. Estar alí sem o corpo não é estar ali.

A transferência virtual

E o que se pode digitalizar, que provoca? De onde provêm a animação que provoca que os jovens se despeçam, queiram despedir-se, para poder reencontrar-se tarde na madrugada nos seus chats?

É uma presença outra que desejam. Não se escondem do contato como predicam as pedagogas preocupadas, últimas humanistas em ação incapazes de situar o gozo estranho dos aficionados. Não é um full contact, não é o contato todo, é um outro contato onde depositam a virtude de poder eliminar as vergonhas que o face a face lhes depara, onde poder brincar a ser outros para eles mesmos.

Lacan disse que a transferência é o nome público de um gozo que se pode localizar perfeitamente nesta experiência. "No fim das contas não é surpreendente que a essa espécie de posta em co-vibração, co-vibração semiótica, seja chamada,

púdicamente, transferência." "A animação surge de alingua que parasita e constitui sentido e suscita sentimento. Trata-se da animação no sentido de um remexer, de uma coceira, de um furor; para dizer tudo, a animação do gozo do corpo"³.

Esta produção conjunta de sentido supre o sexual; chamamos gozo fálico a esta suplência que alingua como parasita possibilita. A transferência é o nome púdico deste gozo. Não esqueçamos que a premissa universal detectada por Freud fazia existir a presença do pênis.

Dr. Sbaitso by Sacha Nacht

Sacha Nacht, aquele que irritava a Lacan em A direção da cura com sua sentença "o analista atua menos pelo que diz que pelo que é" toma a presença como um conjuro contra o analista como espelho raso, superfície lisa e neutra. A presença é uma atitude, útil sobretudo para dissolver o mundo alegórico do depressivo, nos diz no seu livro A presença do analista⁴. Presença figura, tal como a que certos teólogos opuseram à presença real de Cristo na eucaristia.

Em ocasião do XX Congresso Internacional de Psicanálise, Paris 1957, Nacht se coloca como o pai do nome, apesar de dar em outro lado o crédito a Racamier, pela definição de presença: "atitude por meio da qual propomos ao sujeito uma forma figurada, captável, não dissipável, não ambígua, de nossa existência e de nosso interesse pelo enfermo" A presença é o artifício por meio do qual o analista sai do mundo mítico da fantasia para entrar na vida real e plantar-se frente ao paciente, com o que é e não com o que diz .

Se a presença é um "dom de uma forma figurada, captável, não dissipável, não ambígua" do desejo do analista bem poderia ser digitalizada e ainda mais já foi feito. Não sei se alguns de vocês já tiveram a ocasião de um encontro com o cordial Dr. Sbaitso que não é nada menos que um avatar de Sacha Nacht, um analista 100% digital, um software ou melhor definido, um knowbot, um robot que sabe, que se supõe que sabe e do qual já se tem várias gerações, os mais audaciosos fabricados em Colonia, Alemanha. Para programar um analista é preciso saber qué é um analista e Sacha Nacht o sabia.

O paradoxal é que Nacht, quem justamente foi um dos primeiros ludditas de nossa prática pois já temia a máquina, disse: "a atitude de presença pode evitar que o analista se converta em uma máquina de interpretar até o infinito"⁵. Sacha Nacht só pode sustentar a presença como necessidade técnica e não ética. "Sermoneio lacrimoso, ampulosidade serosa, carícia pegajosa"⁶ imagem de síntese da presença do analista pela vaidade do seu discurso.

Cyberser

Na época do entendimento tecnológico do ser, sexto e último paradigma de Heidegger, seus atuais discípulos encontram que a pergunta do século é ¿Como resistir à devastação que a tecnologia nos submete e como lhe mudar o signo?.

Os críticos da euforia digital caminham cada dia mais no sentido de não opôr os mundos real e virtual. Não há tal coisa como dois mundos, há instrumentos.

Como o chicote, os instrumentos estão a serviço do fantasma. A invenção de um novo espaço onde o corpo seria obsoleto é um verdadeiro lastro do desejo que foraclui o real e é a matriz com a qual se propõem experiências virtuais liberadas do lastro do corpo.

O argumento é que se na sessão analítica o corpo do analista permanece inacessível, até fora do ângulo de visão do sujeito, bem poderia gerar-se o cenário na tela.

A perda de realidade que tem gerado a tecnologia permite fantasiar com um analista como suplemento artificial e protético que no campo descentrado do grande Outro suplente o fracasso do sujeito em apenas um click do mouse. O homem do rato.

A presença sustentada por um "ideal de funcionamento", não produz a sessão como avesso dos efeitos da ciência na vida cotidiana e é somente neste avesso que podemos ex-sistir.

O que chamamos a extensão não é outra coisa que a extensão do desejo da presença do analista e seu respeito pelo imprevisto. Presença obsoleta pois, como a mesmíssima palavra obsoleta.

Bahia 2002

NOTAS

¹ Lacan, Jacques. Livro I, Los escritos técnicos de Freud, Buenos Aires: Paidós. P.73

² Lacan, Jacques. Seminário XXI, Les non -dupes errent, inédito, [9/1/73]

³ Lacan, Jacques. Ibid. Classe 19/6/68

⁴ Nacht, Sacha, La presencia del analista p.72.

⁵ Ibid. P. 76

⁶ Lacan, Jacques. Seminário 11, Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis. Cap.X. Rio de janeiro: Jorge Zahar.